

PREGAÇÃO EM 1º CORÍNTIOS SEGUNDO CALVINO

REV. MARLON ANTÔNIO DE OLIVEIRA

“(…) considero *conhecimento* como significando aquele entendimento das coisas santas; mas *sabedoria* é aquela compreensão consumada dessas coisas. *Prudência* é às vezes apresentada como uma espécie de posição intermediária entre elas, e então significa a habilidade de levar o conhecimento a algum propósito prático. (...) Que *conhecimento*, pois, seja entendido como aquela compreensão ordinária das coisas, porém, *sabedoria* como que incluindo uma intuição das coisas de natureza mais secreta, mais sublime, com o desvendar do véu interior”¹.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste resumo é relacionar as considerações que o reformador João Calvino faz sobre a “**pregação**” em seu comentário dos capítulos 1 ao 16 da primeira Epístola do Apóstolo Paulo aos Coríntios. Para João Calvino, a **profecia** tem um caráter de pregação. Portanto, neste trabalho optamos por usar a expressão **profecia**, o que, ratificando, tem, na 1ª Epístola aos Coríntios, a conotação de **pregação da Palavra de Deus**.

1 - DEFINIÇÃO DE PROFECIA

Em primeiro lugar, veremos como Calvino define **profecia**. Ele considera **profecia** “no sentido de *explicar* os mistérios de Deus visando a instrução daqueles que ouvem”², ou, em outras palavras, aquele “dom único e excelente de revelar qual seja a vontade secreta de Deus, de modo que o profeta é (...) o mensageiro de Deus aos homens”³. Partindo destas considerações, Calvino afirma que “falar para edificação” é ministrar ensinamentos adequáveis à edificação”⁴. Esta posição de Calvino se dá porque ele define “falar para edificação” como “um ensino que nos educa na religião, na fé, no culto e no temor de Deus, bem como nas responsabilidades de santidade e justiça”⁵.

¹ João Calvino, **1 Coríntios**, (São Paulo: Edições Paracletos, 1996), 12:8, p. 377.

² *Ibidem*, 11:4, p. 331-2.

³ *Ibidem*, 12:10, p. 378.

⁴ *Ibidem*, 14:3, p. 410. Mais a frente, trataremos da edificação como um dos objetivos da **profecia**.

⁵ *Ibidem*, 14:3, p. 410.

É neste sentido que podemos relacionar **profecia** com **pregação** porque para Calvino **profecia** “não é o dom de predição” ⁶, pelo contrário, significar proclamar a Palavra de Deus, ensiná-la, explicá-la para a Igreja. E, nesta questão, comentando o verbo *khru,ssomen* (pregamos) encontrado em 15:11, Calvino mostra que, pelo fato deste verbo estar no tempo presente, a **pregação** indica “uma ação contínua ou persistência no ensino” ⁷. Em outro lugar, Calvino, afirma que **profecia** dificilmente pode aplicar-se “à predição de eventos futuros” ⁸ quando se trata do seu caráter, que é o que veremos a seguir.

Por isso, podemos afirmar que **profecia** para Calvino não significava *predizer o futuro*, mas *proclamar, ensinar, pregar* aquilo que já estava revelado, isto é, **profecia** significa, neste contexto, **pregação** ⁹.

2 - O CARÁTER DA PROFECIA

a) Objetivo da Profecia

Calvino dá ênfase especial ao objetivo da **profecia**, pois para ele, é muito importante ter em vista o seu real objetivo, pois, o próprio apóstolo Paulo “aprova a **profecia** mais do que todos os demais dons, visto que ela é que trazia (à igreja) os maiores benefícios” ¹⁰, por isso, a **profecia** tinha prioridade ¹¹. Ele afirma que o apóstolo Paulo preferia a **profecia** a todos os demais dons porque ela “é a fonte mais excelente de *edificação*” ¹². E, definindo *edificação*, Calvino diz que “todo aquele que receber algum dom deve esforçar-se por empregá-lo visando ao bem de todos” ¹³. Portanto, para ele, a **profecia** servia essencialmente à edificação da igreja, quem devia demonstrar solicitude por isto ¹⁴. Sobre esta questão da edificação, Calvino escreve:

“Paulo apresenta quatro caminhos para a edificação: *revelação, conhecimento, profecia e ensino (ou doutrina)*. (...) a profecia é serva da revelação. (...) o ensino é a forma de chegar ao conhecimento. Assim, um profeta será o intérprete e ministro da revelação” ¹⁵.

⁶ Ibidem, 14:3, p. 410.

⁷ Ibidem, 15:11, p. 455.

⁸ Ibidem, 12:28, p. 390. Calvino afirma que o profeta “se dedicava à consolação, ao encorajamento e ao ensino. (...) estas atividades são completamente distintas de predições”. (Ibidem, 12:28, p. 390).

⁹ Para ficar bem claro esta questão, não estamos afirmando que todas as vezes que aparece a palavra **profecia** nos escritos paulinos, referir-se-á à **pregação**.

¹⁰ Ibidem, 14:1, p. 409. Vide também 14:31, p. 433.

¹¹ Ibidem, 14:5, p. 412. Sobre proeminência da profecia, veremos mais adiante.

¹² Ibidem, 12:28, p. 390. Vide também 14:5, p. 412.

¹³ Ibidem, 14:26, p. 429. Em outras palavras, Calvino se refere ao serviço da igreja como objetivo da pregação. Cf. Ibidem, 9:17, p. 277.

¹⁴ Ibidem, 14:36, p. 440.

¹⁵ Ibidem, 14:6, p. 412-3.

Uma razão do porquê da edificação como objetivo da **profecia** é exatamente a condição imperfeita dos homens diante de Deus, e neste sentido, Calvino escreve:

“(...) o fato de recebermos conhecimento e profecia é precisamente uma prova de que somos imperfeitos. (...) conhecimento e profecia (...) terão lugar em nossas vidas enquanto a imperfeição fizer parte de nossa existência terrena, pois eles nos assessoram até que a plenitude nos atinja”¹⁶.

Portanto, é mediante a edificação pela **profecia** que esta imperfeição será remediada.

Mas, Calvino ainda abrange outro aspecto do objetivo da **profecia**, afirmando que o nosso alvo é “que o Senhor seja a pessoa mais proeminente e de maior projeção, e que o seu domínio se amplie dia a dia”¹⁷, portanto, a **profecia** existe para levar os homens a reconhecerem e glorificarem ao Senhor. Calvino mostra que isto é resultado da ação do evangelho que, a partir do momento que mostra a pequenez do homem diante de Deus, humilhando-os ante a grandeza do Senhorio de Cristo, leva-os à humildade:

“A obra característica do evangelho é humilhar a sabedoria do mundo de tal maneira que, despojados de nosso próprio entendimento, nos tornemos completamente dóceis, e não reputar qualquer saber, ou ainda desejar conhecer algo que não seja aquilo que o próprio Senhor ensina”¹⁸.

b) O Alvo da profecia

Por alvo, temos em mente para quem a **profecia** deve ser dirigida.

Calvino afirma que a **profecia** era “destinada especial e particularmente aos crentes”¹⁹, que deviam estar familiarizados com ela. Mas ele também considerava que a **profecia** tinha valor para aqueles que não são da igreja²⁰.

Enfim, ele afirma que “a profecia enriquece a todos”²¹, tanto os crentes como os ímpios, só quem em aspectos diferentes. Para ele, a **profecia** é voltada tanto para os que são da igreja como aqueles que não são.

c) A Proeminência da Profecia

¹⁶ Ibidem, 13:9, p. 402.

¹⁷ Ibidem, 14:12, p. 416.

¹⁸ Ibidem, 1:17, p. 54.

¹⁹ Ibidem, 14:22, p. 425.

²⁰ Cf. Ibidem, 14:24, p. 427.

²¹ Ibidem, 14:3, p. 410.

Para Paulo bem como para Calvino, a **profecia** tinha superioridade em relação aos demais dons.

Sobre isto, Calvino assevera que “não devemos despendar tempo demasiado com as línguas, enquanto damos pouquíssima atenção à **profecia**, quando ela deveria gozar a prioridade”²². Este grande reformador, com sua coerência que lhe é costumeira, afirma:

“(…) a **profecia** deveria ter a preferência sobre os demais dons porque, de todos os dons, ela é o mais proveitoso; todavia, (...) os outros (dons) não devem ser negligenciados”²³.

Calvino procura fundamentar a razão pela qual a **profecia** deve ter a proeminência sobre os demais dons, qual seja: o seu conteúdo e conseqüentemente, a edificação que este produz na igreja:

“Porém, é um notável tributo à sua própria **pregação** quando diz que ela consiste na revelação do segredo de coisas mais excelentes: o ensino do Espírito Santo; a plenitude de nossa salvação; os inestimáveis tesouros de Cristo. Paulo faz assim para que os coríntios soubessem o quanto isto deve ser valorizado”²⁴.

De uma outra forma, podemos dizer que a **profecia** é superior porque tem como material a Palavra de Deus, e “sabemos que o evangelho é, por enquanto, a sabedoria oculta que ultrapassa os céus e suas altitudes, e diante do qual até mesmo os anjos ficam pasmos”²⁵.

d) A Simplicidade da Profecia

Por simplicidade, queremos expressar o aspecto que Calvino enfatiza quanto à maneira de transmitir a **profecia**. Neste ponto, Calvino mostra que a **profecia (pregação)** deve ser proferida sem ostentação de sabedoria humana, mas com humildade diante de Deus. Para Calvino, o método de ensinar que o apóstolo Paulo seguia “era despido de todo brilhantismo, e não revelava qualquer traço de ambição, e não podia ser suspeito a esse respeito”²⁶, em outras palavras, na **pregação** de Paulo, não havia interesse de conveniência ou de vantagem²⁷. É neste sentido que Calvino escreve:

²² Ibidem, 14:5, p. 412. Calvino, neste sentido escreve afirmando que “a tarefa de ensinar he fora imposta como prioridade, à qual deveria dedicar-se. (...) De modo que a instrução é mantida sempre em primeiro lugar”. (Ibidem, 1:17, p. 50).

²³ Ibidem, 14:39, p. 443 (grifo nosso).

²⁴ Ibidem, 2:13, p. 91 (grifo nosso).

²⁵ Ibidem, 1:21, p. 63. “(...) o evangelho nos foi comunicado pelo propósito eterno de Deus”. (Ibidem, 2:7, p. 82).

²⁶ Ibidem, 1:17, p. 51.

²⁷ Cf. Ibidem, 1:17, p. 52.

“O ensino do Evangelho, que nos chama para o usufruto desse benefício, deve lembrar a natureza da Cruz, de modo que, em vez de ser ela gloriosa, seja, antes, desprezível e indigna aos olhos do mundo”²⁸.

Portanto, para Calvino, a **profecia** deve ser proferida não somente de forma humilde e desprezível no que diz respeito aos frutos humanos, mas também, deve ser simples, clara, objetiva, acessível a todos, numa linguagem absolutamente acomodada à sua realidade, pois, “a **pregação** de Cristo é nua e simples; portanto, não deve ela ser ofuscada por um revestimento dissimulante de verbosidade”²⁹. E é exatamente neste ponto que o reformador ensina que a oratória deve servir a pregação, e não a pregação depender da oratória:

“Demais, ninguém terá por genuína a verdade que se apóia na excelência da oratória. Naturalmente que a oratória pode servir de auxílio para a verdade, mas esta não pode depender daquela”³⁰.

É exatamente neste sentido que Calvino exorta:

“Pois o evangelho se projeta acima da percepção da mente humana, de tal forma que aqueles que são considerados, intelectualmente, de primeira classe podem parecer tão eminentes quanto gostariam de ser, mas jamais alcançam tal eminência”³¹.

Quanto à **pregação** de Paulo, Calvino ainda afirma que não foi “adornada com algum floreio de palavras, que não possuía um estilo elegante e espirituoso, mas que vivia contente em pregar somente o que era ensinado pelo Espírito Santo”³². E mais, a **pregação** de Paulo possuía uma certa dose de eloquência, porém, sem demora, Calvino reafirma o seu princípio dizendo que,

“a eloquência não se acha de forma alguma conflitante com a simplicidade do evangelho quando, livre do desprezo dos homens, não só lhe dá o lugar de honra e se põe em sujeição a ele, mas também o serve como uma empregada à sua patroa”³³

Para Calvino, o problema não está na oratória em si, pois, para ele, a oratória serve como instrumento da **profecia**³⁴, mas, no uso errado que se pode fazer desta oratória, como um meio de receber a glória dos ouvintes e ostentar uma sabedoria própria, humana e, conseqüentemente, fria e vazia, e, é exatamente neste sentido que Calvino afirma que se “a **pregação** do apóstolo

²⁸ Ibidem, 1:17, p. 53.

²⁹ Ibidem, 1:17, p. 54 (grifo nosso).

³⁰ Ibidem, 2:5, p. 79.

³¹ Ibidem, 2:7, p. 81.

³² Ibidem, 2:13, p. 91.

³³ Ibidem, 1:17, p. 55.

³⁴ Cf. Ibidem, 1:17, p. 53.

estivesse apoiada só na força da eloquência, ele poderia ter sido dilapidado pela oratória superior”³⁵.

Ainda, Calvino afirma sobre a eloquência na **profecia**:

“Pois, para que possa haver eloquência, devemos estar sempre em alerta a fim de impedir que a sabedoria de Deus venha sofrer degradação por um brilhantismo forçado e corriqueiro. Mas o estilo de Paulo ensinar era tal que irradiava o poder do Espírito, puro e simples, sem qualquer assistência externa”³⁶.

João Calvino classifica a verdadeira eloquência como aquela que está subordinada e respaldada na ação do Espírito Santo na **profecia (pregação)**, quando afirma, exortando quanto às possíveis falácias, que,

“a eloquência que está em conformidade com o Espírito de Deus não é bombástica nem ostentosa, como também não produz um forte volume de ruídos que equivalem a nada. Antes, ela é genuína e eficaz, e possui muito mais sinceridade do que refinamento”³⁷.

Portanto,

“não devemos condenar nem rejeitar a classe de eloquência que não almeja cativar cristãos com um requinte exterior de palavras, nem intoxicar os ouvintes com deleites fúteis, nem fazer cócegas em seus ouvidos com sua suave melodia, nem mergulhar a *Cruz de Cristo* em sua vã ostentação”³⁸.

e) A Aplicação da Profecia

Calvino, enfatizando a necessidade de aplicação, diz que:

“**Profecia** não consiste na simples *interpretação* da Escritura, mas também inclui o *conhecimento* para fazer aplicação às necessidades do momento, e isto só pode ser obtido por meio da revelação e da influência especial de Deus”³⁹.

Em outro lugar, ele escreve sobre os efeitos da **profecia**:

“(...) ela intima as consciências dos incrédulos a comparecerem perante o tribunal divino, de modo que qualquer um que em sua indiferença costuma menosprezar a sã doutrina é constrangido a glorificar a Deus. (...) A Palavra de Deus penetra até aos recantos mais íntimos da mente, e, ao trazer luz, por assim dizer, dissipa as trevas e expulsa a letargia letal”⁴⁰.

³⁵ Ibidem, 2:5, p. 79 (grifo nosso).

³⁶ Ibidem, 2:13, p. 91.

³⁷ Ibidem, 1:17, p. 56. “O Espírito de Deus também possui uma eloquência particularmente sua”.

³⁸ Ibidem, 1:17, p. 55.

³⁹ Ibidem, 14:6, p. 413 (grifo nosso).

⁴⁰ Ibidem, 14:24, p. 427.

f) A relação da Profecia com a Revelação e o Dom de Línguas

Como já dito acima, a **profecia** “é serva da revelação” ⁴¹, isto é, a **profecia**, ou, a **pregação**, não existe sem a revelação. Esta é a base e o fundamento para aquela. Calvino, sobre a revelação divina, diz que “tudo quanto diz respeito ao genuíno conhecimento de Deus constitui um dom do Espírito Santo” ⁴².

Quanto à relação com as línguas, João Calvino afirma:

“A **profecia** está incluída nas línguas, na forma em que Paulo entende o termo. (...) o intérprete assumia o lugar do profeta. (...) Ele (Paulo) lhe impõe restrições só para evitar que elas fossem degradadas por causa do orgulho humano e para evitar que os que eram menos capazes fossem privados de sua disposição e oportunidade de falar. Pois Paulo pretende que aqueles a quem ele designar a tarefa de falar deveriam dar o seu melhor desempenho e ser aprovado pelo assentimento geral” ⁴³.

3 - O PREGADOR E A PROFECIA

É digno de nota que João Calvino preocupou-se zelosamente quanto à questão da postura dos pregadores diante da sua digna tarefa de proclamar a Palavra. Enfatizou veementemente questões como humildade, zelo, obediência, consciência cristã, dependência de Deus, amor, entre outras. Vamos a elas.

Para Calvino, os profetas são:

“1) destacados intérpretes da Escritura; e 2) homens dotados com extraordinária sabedoria e aptidão para compreenderem qual é a necessidade imediata da igreja e falarem-lhe a Palavra exata de que ela carece para o seu sustento. Eis a razão porque eles são, por assim dizer, os mensageiros que trazem notícias do que Deus quer” ⁴⁴.

Por isso, para Calvino, “a tarefa dos mestres consiste em preservar e propagar as sãs doutrinas para que a pureza da religião permaneça na Igreja” ⁴⁵.

João Calvino demonstra um zelo muito grande em exortar os pregadores, enfatizando o relacionamento destes com a **pregação (profecia)** da Palavra. Ele afirma que os profetas “eram abençoados com o dom único de ocupar-se da

⁴¹ Ibidem, 14:6, p. 412-3.

⁴² Ibidem, 12:3, p. 373. “(...) o evangelho nos foi comunicado pelo propósito eterno de Deus”. (Ibidem, 2:7, p. 82).

⁴³ Ibidem, 14:29, p. 431 (grifo nosso).

⁴⁴ Ibidem, 12:28, p. 390.

⁴⁵ Ibidem, 12:28, p. 390.

Escritura, não só de interpretá-la, mas também na demonstração de sabedoria em usá-la para satisfazer as necessidades do momento”⁴⁶. Em outro lugar, Calvino assevera que os profetas “são homens habilidosos e experientes em fazer conhecida a vontade de Deus, aplicando as profecias, ameaças, promessas e todo o ensino da Escritura às necessidades correntes da Igreja”⁴⁷. Segundo a orientação de Calvino, estas tarefas, que por sua vez são peculiares e exclusivas dos pregadores, devem ser feitas com zelo, prazer e obediência. Neste sentido é que Calvino escreve:

“Pois o Senhor espera que seus servos sejam solícitos e prazerosos em obedecê-lo, em demonstrar alegria, agindo sem qualquer hesitação. Resumindo, Paulo quer dizer que a única maneira para se fazer justiça à sua vocação seria desempenhando sua função com um coração voluntário e de forma solícita”⁴⁸.

Por isso, para João Calvino, as grandes qualidades do pregador são humildade, saber ouvir⁴⁹, zelo em seu serviço e cuidado com sua conduta espiritual⁵⁰. Como já citamos, João Calvino diz que o apóstolo Paulo combate o orgulho humano dos intérpretes e pregadores da Palavra⁵¹.

Nesta questão da humildade, Calvino demonstra uma grande preocupação em enfatizar esta característica necessária aos verdadeiros pregadores. Calvino trabalha com a idéia da humildade dos pregadores em oposição à sabedoria humana⁵². Ele ensina que “toda a sabedoria dos crentes está concentrada na luz de Cristo”⁵³, portanto, os verdadeiros pregadores são aqueles que se demonstram dependentes de Deus, e não de sua própria eloquência, sabedoria ou capacidade. Neste aspecto é que João Calvino escreve:

“Portanto, se queremos granjear algum benefício de nosso labor, de nosso esforço e de nossa diligência, então devemos estar conscientes de que não lograremos progresso a menos que o Senhor faça próspera a nossa obra, os

⁴⁶ Ibidem, 12:28, p. 390.

⁴⁷ Ibidem, 12:28, p. 391. Estas são uma das razões porque Calvino acredita que a tarefa dos profetas não se restringia à interpretação das Escrituras. (Vd. Ibidem, 12:28, p. 390).

⁴⁸ Ibidem, 9:17, p. 278.

⁴⁹ É interessante quando Calvino afirma que “mesmo permanecendo em silêncio, os demais profetas estarão prestando serviço à igreja”. (Ibidem, 14:29, p. 432).

⁵⁰ Calvino diz que Paulo se preocupa em exortar os profetas ao não se acomodarem “satisfeitos com seus vícios e costumes pessoais”. (Ibidem, 14:36, P. 439).

⁵¹ Vide nota 23.

⁵² Esta questão da sabedoria se deve ao contexto da epístola de Corinto, no qual havia os “espirituais” que se julgavam mais sábios do que os demais crentes, até mesmo que o próprio apóstolo Paulo, e não se subordinavam aos ensinamentos sagrados. É neste sentido que Paulo refere-se à loucura da pregação: “Loucura da pregação: esta é precisamente a luz na qual o evangelho é considerado por aqueles ‘sábios e insensatos’ que, intoxicados por falsa confiança, não temem sujeitar a inviolável verdade de Deus à sua própria e medíocre censura”. (Ibidem, 1:21, p. 63. Sobre o uso da expressão “loucura” vd 1:24, p. 67).

⁵³ Ibidem, 1:17, p. 53.

nossos empenhos e a nossa perseverança, de modo a confiarmos à sua graça a nós mesmos e a tudo o que fazemos”⁵⁴.

Portanto, na necessidade do pregador ser humilde, tanto diante de Deus como dos seus semelhantes, é que Calvino assevera:

“Nenhum homem será sempre um bom mestre se não revelar-se pessoalmente educável e sempre disposto a aprender; e ninguém satisfará àquele que se acha por demais imbuído da plenitude e lucidez de seu conhecimento, que crê que nada lucraria ouvindo outrem”⁵⁵.

E, ainda:

“É particularmente encorajador aos ministros conscienciosos verem a ação do Espírito de Deus, cujos instrumentos eles mesmos são, na obra de outrem. (...) É igualmente algo estimulante que a divulgação da Palavra de Deus é grandemente assessorada, ao perceberem que há tantos ministros e testemunhas dela”⁵⁶.

Nestes pontos, Calvino exorta quanto ao perigo do pregador gloriar-se do seu próprio ministério de **pregação**, seja pela sua oratória, seja pela sua sabedoria. É com este objetivo que ele afirma:

“Para mostrar quão importante era que não fosse privado da razão de gloriar-se, ele realça o que teria sucedido caso não fizesse outra coisa senão desincumbir-se de seu ministério, ou seja, que ele não teria feito mais do que aquilo que o Senhor lhe impusera como uma inevitável necessidade”⁵⁷.

E, ainda:

“Pois o Senhor admite só uns poucos em sua escola. Portanto, as únicas pessoas capacitadas com sabedoria celestial são aquelas que vivem contentes com a pregação do evangelho, embora possam ser aparentemente indignas, e que não alimentam nenhum desejo de ver Cristo sepultado em nenhuma dissimulação. Então, o ensino de Evangelho tem de ser ministrado para servir ao propósito de despir os crentes de toda a arrogância e orgulho”⁵⁸.

Sobre esta questão, das qualidades do pregador, Calvino ainda exorta quanto à necessidade de fidelidade e de uma boa consciência dos pregadores:

“Pois, o que Cristo quer dizer por ‘fidelidade’ consiste em integridade de consciência, a qual deve estar acompanhada de deliberação sadia e prudente, E o que Paulo quer dizer por ‘ministro fiel’ consiste em alguém que, com

⁵⁴ Ibidem, 3:7, p. 106.

⁵⁵ Ibidem, 14:31, p. 433.

⁵⁶ Ibidem, 14:31, p. 434.

⁵⁷ Ibidem, 9:16, p. 276.

⁵⁸ Ibidem, 1:17, p. 55.

conhecimento, tanto quanto retidão de coração, cumpre o papel de um bom e genuíno ministro”⁵⁹.

E, é neste aspecto que podemos citar a afirmação de Calvino, parafraseando 1Co 9:27, quanto ao testemunho cristão que precisa haver na vida dos pregadores:

“Portanto, esforço-me por viver de tal maneira que meu caráter e conduta não conflitem com o que eu ensino, e que, portanto, não venha eu a negligenciar as próprias coisas que ordeno a outrem, e assim me envolva em grande infortúnio e traga graves ofensas aos meus irmãos”⁶⁰.

Podemos dizer que é de fundamental importância que haja abnegação, desprendimento por parte dos pregadores para que eles se harmonizem com tudo aquilo que o apóstolo Paulo, autoritativamente, afirma sobre os tais, e que, conseqüentemente, Calvino ratifica em seus preciosos ensinamentos:

“Aquele que é verdadeiramente sábio nas coisas de Deus precisa necessariamente inclinar-se para a ignomínia da Cruz. Isto só será feito, antes de tudo, pela renúncia do próprio entendimento das coisas e de toda a sabedoria do mundo”⁶¹.

Num último, mas essencial, aspecto quanto ao perfil do pregador, é com muita ênfase que João Calvino afirma que o apóstolo Paulo “reduz a nada o valor deste dom (profetizar), embora o classifique acima de todos os demais, caso ele não esteja sujeito ao amor”⁶². Portanto, o trabalho de pregador pode ser desclassificado e descaracterizado se não for realizado nas esferas do amor cristão.

É muito interessante a exortação de Calvino afirmando que a igreja de Corinto deveria aceitar e acatar a palavra dos profetas como Palavra de Deus, os “(coríntios) deveriam aceitar o que eles (profetas) reconheciam como vindo de Deus”⁶³, e por isso, deveriam abraçar os ensinamentos deles “como sendo a indubitável Palavra de Deus; porque, se julgarem corretamente, reconhecê-la-ão como a genuína Palavra de Deus”⁶⁴.

Por último, neste ponto, Calvino assevera que o pastor deve pregar o Evangelho em sua igreja que é de sua total responsabilidade quando afirma que

⁵⁹ Ibidem, 4:2, p. 126.

⁶⁰ Ibidem, 9:27, p. 287.

⁶¹ Ibidem, 1:17, p. 53.

⁶² Ibidem, 13:2, p. 394.

⁶³ Ibidem, 14:37, p. 441.

⁶⁴ Ibidem, 14:37, p. 441.

“o pastor não tem um mandado para pregar o Evangelho ao mundo inteiro, senão que cuida da igreja que foi confiada”⁶⁵.

4 - A SOBERANIA DO ESPÍRITO SANTO E DA PALAVRA

Calvino enfatiza que o Espírito Santo é divinamente soberano na **pregação** da Palavra, bem como a própria Escritura deve ser aceita incondicionalmente, visto ser ela a própria Palavra de Deus:

“O Espírito Santo mantém intocável sua majestade, de modo que ‘julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém’. A Santa Palavra de Deus também continua sendo respeitada, de modo que ela é aceita sem ser questionada”⁶⁶.

Por isso, em outro lugar, Calvino escreve afirmando que “não há sujeição (da Palavra) onde há plenitude de revelação”⁶⁷, isto é, a Palavra não se sujeita aos homens, e sim, os homens é que se sujeitam à soberania da Palavra de Deus. Por isso, os pregadores devem se portar de forma humilde e submissa diante da Palavra de Deus⁶⁸.

5 - A PROFECIA E A ANALOGIA DA FÉ

João Calvino faz menção rapidamente da **analogia da fé** quando, respondendo à seguinte questão: por meio de qual padrão deve o exame da **profecia** ser feito?, diz: “Parte da resposta é fornecida pelos lábios do próprio apóstolo (Paulo), que em Romanos 12:6 mede a profecia ‘segundo a analogia da fé’ (= *ad analogiam fidei*)”⁶⁹.

6 - A PROFECIA E A ORDEM NO CULTO

Calvino afirma que no culto “deve haver espaço para cada dom, porém sucessivamente e na devida proporção”⁷⁰, e que a igreja “não deve entregar-se às práticas inúteis e fúteis, mas tudo o que fizer, que seja feito para edificação”⁷¹. Aqui vemos aplicações decorrentes do objetivo e proeminência da **profecia (pregação)** vistas anteriormente.

⁶⁵ Ibidem, 12:28, p. 389.

⁶⁶ Ibidem, 14:32, p. 435. Vide as afirmações de Calvino em 14:32, p. 436.

⁶⁷ Ibidem, 14:32, p. 435.

⁶⁸ Vd o capítulo “O Pregador e a Profecia”.

⁶⁹ Ibidem, 14:32, p. 435-6.

⁷⁰ Ibidem, 14:26, p. 429.

⁷¹ Ibidem, 14:26, p. 429.

7 - POSSÍVEIS ERROS NA PROFECIA

Justamente para que a **profecia** tenha condições de cumprir com seu objetivo que é edificar a igreja, que o apóstolo Paulo impõe restrições à **profecia**⁷², como, por exemplo, ao dizer que os profetas devem falar de forma compreensível ao entendimento, pois, ao contrário estariam “falando ao ar”, e para Calvino, “*falar ao ar é golpear o ar. É como se dissesse: ‘Vossa voz não alcançará nem a Deus, nem aos homens, mas se perderá no ar’*”⁷³. Uma outra restrição foi quanto à ordem na transmissão da mensagem à igreja (1 Co 14:29).

Neste ponto, podemos ressaltar que Calvino exortou quanto à necessidade de se ter um certo discernimento para receber o ensino da Palavra, para não abraçar os possíveis erros que podem estar atrelados numa interpretação infeliz da Palavra, que é inerrante e infalível. E é exatamente neste sentido que,

“somos iluminados pelo Espírito para recebermos a verdade, mas que somos igualmente equipados com o espírito de discernimento a fim de não vivermos suspensos pela dúvida entre a verdade e a falsidade, mas para sermos capazes de decidir o que devemos evitar e o que devemos seguir”⁷⁴.

8 - A PROFECIA E O RELACIONAMENTO ENTRE AS IGREJAS

João Calvino ressalta a importância da unidade das igrejas frente à proclamação da Palavra de Deus:

“Nenhuma Igreja deve existir voltada para si mesma, negligenciando as demais. Ao contrário, todas elas devem estender a destra uma às outras, buscando promover a comunhão entre elas; e, quanto o interesse pela unidade o exija, devem ajuntar-se uma às outras”⁷⁵.

Assim, João Calvino enfatiza a unidade que deve entre as Igrejas de Jesus Cristo e a pregação do Evangelho, unindo suas forças para o melhor desenvolvimento do trabalho.

⁷² Cf. Ibidem, 14:29, p. 431.

⁷³ Ibidem, 14:9, p. 414.

⁷⁴ Ibidem, 2:15, p. 94-5. “Portanto, um homem só julga corretamente e com segurança pelo prisma de seu novo nascimento e segundo a medida da graça a ele concedida – e não mais!”. (Ibidem, 2:15, p. 95).

⁷⁵ Ibidem, 14:36, p. 439.